

SINTAXE DA LIBRAS E A (RE)AFIRMAÇÃO LINGUÍSTICA: O ÓBVIO QUE AINDA PRECISA SER DITO

Emmanuelle Félix dos Santos¹

Camila Fernandes dos Santos²

Robervaldo Correia dos Santos³

RESUMO: A Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras), oriunda de comunidades surdas brasileiras, é reconhecida oficialmente no Brasil como meio legal de comunicação e expressão pela lei 10.436, de 24 de abril de 2002, e regulamentada pelo decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Apesar disso, há, principalmente entre as pessoas ouvintes, a propagação, dentre outros mitos que descaracterizam o conceito da Libras enquanto língua, caracterizando-a como uma versão sinalizada da língua majoritária, no caso, a Língua Portuguesa. Haverá uma relação de dependência da Libras com a Língua Portuguesa, ao menos no que tange ao sistema sintático? A hipótese norteadora desta pesquisa é a de que não há essa dependência, uma vez que os sistemas sintáticos de ambas as línguas são distintos. O mito, anteriormente referido, é decorrente do fato de muitas pessoas ainda desconhecerem a verdadeira natureza das línguas de sinais - no caso do Brasil, a Libras. O objetivo deste estudo é reafirmar que a Libras possui estrutura sintática própria e independe da Língua Portuguesa e desconstruir conceitos errôneos e distorcidos sobre o *status* da Libras. Sendo assim, esta pesquisa trata-se de uma reflexão teórica com base na pesquisa bibliográfica sobre os pressupostos teóricos e abordagens de Ferreira (2010), Gesser (2009) e Quadros (2004), e justifica-se por divulgar a autonomia da Libras enquanto língua, contribuindo para a inclusão social da pessoa surda.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística; Libras; Sintaxe.

ABSTRACT: Brazilian sign language (henceforth Libras), originated in Brazilian deaf communities, is officially recognized in Brazil as a legal means of communication and expression by law 10.436, 24th of April 2002, and regulated by decree 5.626, as of December 22, 2005. Despite that, there is, especially among those who can hear, the myth that decharacterizes the concept of Libras as a language, and characterizes it as a sign language version of the majority language, Portuguese. Will there be certain dependence of Libras on the Portuguese language, at least, on its syntax? The leading hypothesis of this study is that there is not such

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professora Auxiliar da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail emmanuellefelix@ufpb.edu.br

² Estudante do curso de Licenciatura em Letras/Libras/Língua Estrangeira da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail miloknandes@hotmail.com

³ Estudante do curso de Licenciatura em Letras/Libras/Língua Estrangeira da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail bem_fsa@hotmail.com

dependence since the syntactic systems of both languages are different. The myth, previously mentioned, is due to the fact that many people still do not know the true nature of sign languages – in Brazil, Libras. This study aims at reassuring that Libras has its own syntactic structure and does not depend on the Portuguese language. It also deconstructs mistaken and distorted concepts about Libras. Thus, this research is a theoretical reflection over bibliographical study about theoretical assumptions and approaches by Ferreira (2010), Gesser (2009) e Quadros (2004). It also shows the autonomy of Libras as a language, contributing to the social inclusion of deaf people.

KEY WORDS: Linguistics; Libras; Syntax.

1. Introdução

Os surdos, devido a sua privação auditiva, foram considerados seres incapazes de falar e concomitantemente de pensar. Deste modo, sem o aprendizado da oralidade, era impossível do surdo se comunicar. Assim, durante cem anos, a educação e comunicação estabelecida entre um surdo e um ouvinte foram tentativas de oralidades, sem muito êxito. A decadência, ou seja, o baixo índice de escolaridade de surdos produto do Oralismo⁴ foi um fator importante para a alusão à língua de sinais.

Essa modalidade de língua começou a ser reconhecida pelo *status* de língua através das pesquisas desenvolvidas pelo linguista americano Stokoe (1960). Sua influência na área corroborou as pesquisas no Brasil, que teve como pioneira a linguista Britto (1982), dentre outras.

Contudo, foram os movimentos das comunidades surdas⁵ que impulsionaram a luta pelo reconhecimento da língua de sinais (doravante LS) e sua caracterização como autônoma, flexível, versátil, criativa, de dupla articulação, ou seja, constituída dos mesmos traços que compõem qualquer outra língua humana.

Apesar do reconhecimento oficial da Língua Brasileira de Sinais- Libras como meio legal de comunicação e expressão através da Lei Federal nº 10.436 de 24 de abril de 2002, permanece, principalmente entre as pessoas ouvintes, a difusão de que a Libras é limitada, artificial, constituída de mímicas, pantomimas, uma versão sinalizada da Língua Portuguesa.

Arelada a essas crenças, surge a indagação que punciona esta pesquisa: haverá uma relação de dependência da Libras com a Língua Portuguesa, ao menos no que tange ao sistema sintático? A hipótese norteadora é a de que não há essa dependência, uma vez que os sistemas sintáticos de ambas as línguas são distintos e que as crenças supracitadas são decorrentes do processo histórico educacional dos surdos, que negou por um século a existência de sua língua e de um desenvolvimento cognitivo-linguístico.

⁴ Refere-se a abordagem educacional oralista que objetiva “capacitar a pessoa surda a utilizar a língua da comunidade ouvinte na modalidade oral como única possibilidade linguística, de modo que seja possível o uso da voz e da leitura lábia”. (SÁ, 1999, p. 69).

⁵ Pessoas surdas e não surdas (membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros) que participam e compartilham interesses comuns ou metas, em uma determinada localização/ espaço como associações de surdos, federações, igrejas. (STROBEL, 2009).

Assim, o estudo em questão possui um caráter teórico com base na pesquisa bibliográfica e tem como objetivo reafirmar que a Libras possui estrutura sintática própria e independe da Língua Portuguesa, desconstruindo aceções errôneas e distorcidas sobre o seu status de língua. Para cumprir o objetivo posto, foi utilizado como referencial teórico os estudos de: Ferreira (2010), Gesser (2009), Quadros (2004) e outros, que nos possibilitou refletir sobre a autonomia da Libras enquanto língua, contribuindo para a sua asseveração e concomitantemente, para a aceitação da cultura e inclusão social da pessoa surda.

As investigações no campo do estudo da sintaxe da LS tem comprovado que através da organização espacial é possível estabelecer relações gramaticais em diferentes formas e construções de sentenças com princípios e regras.

Assim, esta pesquisa tenta esmiuçar a temática através de uma reflexão sobre as concepções errôneas designadas a Libras nas abordagens educacionais direcionadas aos surdos no Brasil. Em seguida, apresenta uma descrição sobre sintaxe da Libras a partir de dois aspectos: o uso das expressões faciais e a estrutura da frase. Por fim, apresenta as conclusões sobre seu objeto, reafirmando a hipótese levantada.

2. Libras não é um português sinalizado: reflexos do processo histórico dos surdos

Quando surgiu a língua de sinais? É comum entre os pesquisadores de línguas e/ou línguas de sinais tentarem averiguar o surgimento de seus objetos de estudo, contudo, não existe um marco histórico que defina tal surgimento. Imagina-se que, ao existirem dois surdos reunidos por mais de duas gerações surgiu a LS (SACKS 1990), pela necessidade de comunicação. Apesar dessa compreensão, tem-se entre estudiosos, a representação de um criador, o abade L'Epée. Contudo, há grandes controvérsias sobre esse fato, pois a história tem ratificado que o abade citado aprendeu o LS com os surdos de Paris.

[...] certa vez L'Epée concebeu o nobre projeto de devotar-se à educação do surdo; ele sabiamente observou que eles possuíam uma linguagem natural para se comunicarem entre si. Como essa linguagem não era outra senão a de sinais, ele supôs que, se ele se empenhasse em compreendê-la, o triunfo de seu empreendimento seria assegurado. Esse discernimento foi recompensado com sucesso. Então o abade L'Epée não foi o inventor ou o criador dessa linguagem; pelo contrário, ele a aprendeu com o surdo; ele somente reparou

o que encontrou incompleto nela; ele a ampliou e lhe deu regras metódicas (DESLOGES, 1984, p.34 apud NASCIMENTO, 2006, p. 258).

O Processo histórico da LS é demarcado por concepções filosóficas e linguísticas errôneas e preconceituosas. Kant (1793/1980), um filósofo contemporâneo difundiu a ideia de que o surdo nunca conseguiria uma totalidade em suas expressões, por considerar que os sinais não possuíam tal poder comunicativo (CAPOVILLA 2004). Com o mesmo ponto de vista, Saussure (1916), considerado o “pai” da linguística, também descaracterizava a LS como uma forma inferior de comunicação, com vocabulário restrito e composto de mímicas:

[...] a arbitrariedade das relações entre o signo e seu referente, e a iconicidade de certos sinais era visto como prova de sua inferioridade. À época concebia-se a língua de sinais como uma forma inferior de comunicação composta de um vocabulário limitado de sinais equivalentes à mera gesticulação mímica e pantomímica, sem estrutura hierárquica, gramática ou abstração, limitada a uma representação holística de certos aspectos concretos da realidade. (CAPOVILLA, 2004, p. 224).

Somente em 1960, através dos estudos do linguista americano da Universidade de Gallaudet, William Stokoe, é que a LS começou a ser compreendida pelo seu status de língua. Ele desenvolveu um estudo sobre a estrutura da LS intitulada “Sign language Structure: An Outline of the Visual Communication System of the American Deaf” (GOLDFELD, 2002, p.31). Suas pesquisas ressoaram positivamente na vida e educação dos surdos, visto ao fracasso vivenciado pelo oralismo.

A ascensão dos estudos sobre a LS, principalmente entre os linguistas, se dá mediante ao reflexo e influencia de Stokoe. Ele, juntamente com o grupo de pesquisadores, contribuiu significativamente na desconstrução de conceitos equivocados sobre a LS ao descrever os parâmetros⁶ da Língua de Sinais Americana - ASL. Esta descrição corroborou, no Brasil, nos trabalhos de Ferreira-Brito (1990),

⁶ Pode-se compreender parâmetros como conjunto de propriedades distintivas (sem significado) e de regras que compõe o sinal (refere-se a palavra nas línguas orais). Inicialmente Stokoe propôs a decomposição da ASL em três parâmetros principais: configuração de mão, locação e movimento da mão. (QUADROS, 2004)

que descreve os parâmetros fonológicos da Língua Brasileira de Sinais (doravante, Libras).

Como pode-se perceber, para compreendermos a Libras faz-se necessário remetermos a história geral, visto que o contexto educacional europeu teve forte influência no contexto educacional brasileiro. Assim, em uma viagem à França, D. Pedro II conhece o professor surdo Ernest Huet, aluno de L'Épée, e o convida para desenvolver um trabalho no Brasil. Em 26 de setembro de 1857, Huet funda o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, atual Instituto Nacional de Surdos-INES e inicia um trabalho com a língua de sinais francesa, daí a influência da língua francesa sobre a Libras.

Contudo, cinco anos posterior a sua chegada, como determinação do II Congresso Internacional de Milão, ocorrido em 11 de setembro de 1880, o uso da LS nos espaços públicos é proibida. Desta forma, passa-se a usar o oralismo e inicia um século de escuridão na vida e cultura surda.

[...] essa data ainda é lembrada como a mais sinistra de sua história: como se fosse mesmo o '11 de setembro' deles quando desabaram as torres gêmeas da cultura e da língua de sinais, a do método misto e a do método manualista para educação dos surdos. Ali começou uma longa e amarga batalha para defender o direito de vida de língua de sinais. (JONATHAN RÉE, 2005, apud STROBEL, 2008, p. 91)

Os surdos, obrigatoriamente, passam a utilizar a Libras às escondidas, criando o mito de que a LS é um código secreto dos surdos e que sua compreensão é impossível, afirmando ser estruturada de pantomimas. Outro mito difundido era de que os surdos não aprendiam a oralizar por influência ou consequência do uso Libras.

Devido ao fracasso na escolarização dos surdos, os professores passam a defender o uso da Comunicação total⁷. Embora pareça um avanço na conquista do reconhecimento da Libras, essa filosofia educacional acarretou concepção intrincadas sobre a estrutura da Libras, especificamente, no que tange ao aspecto da sintaxe.

⁷ Filosofia educacional que surgiu com a insatisfação do oralismo e objetiva a comunicação com a pessoa surda, e para isso, submete-se a defesa da utilização de todos os recursos disponíveis. (SÁ, 1999)

A Comunicação Total passou a utilizar a Libras na estrutura da Língua Portuguesa, criando a “prática bimodal de tentativa de tradução linear e exata da estrutura da Língua Portuguesa, utilizando-se de sinais da Libras e outros complementos gramaticais que não fazem parte dela”. (SÁ, 1999, p. 101).

A concepção de que a Libras é uma tradução sinalizada da Língua Portuguesa, ressoa ainda no século XXI. Isso gera um problema comunicacional, pois ao tentar falar duas estruturas de línguas no mesmo tempo/espço, uma será prejudicada, e sempre a língua minoritária, neste caso, a Libras.

A língua de sinais, no entanto, não é utilizada de forma plena, como poderia ser. A Comunicação Total não privilegia o fato de esta língua ser natural (surgiu de forma espontânea na comunidade surda) e carrega uma cultura própria, e cria recursos artificiais para facilitar a comunicação e a educação dos surdos, que podem provocar uma dificuldade de comunicação entre surdos que dominam códigos diferentes da língua de sinais. (GOLDFELD, 2002, p. 42)

O não reconhecimento da Libras enquanto língua estruturante despertou nas comunidades surdas a necessidade de criar movimentos em prol do seu reconhecimento como primeira língua (L1). Assim, posterior a lutas, a Libras é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão através da Lei de nº 10.436/06 e regulamentada através do Decreto de nº 5.626/05.

A partir destes aparatos legais, a Libras passa a ser a segunda língua oficial do país, e em consequência, deve ser instrumentalizada nos espaços escolares aos surdos e ouvintes. Assim, a abordagem educacional bilíngue, ganha força, e prevê entre outros aspectos, a utilização de duas línguas no espaço escolar, contudo respeitando as suas respectivas estruturas linguísticas. “[...] podemos, hoje, afirmar que as línguas de sinais se constituem em línguas naturais, uma vez que surgiram da interação entre indivíduos e que viabilizam a comunicação e a expressão do ser humano, da mesma forma que as línguas orais. (SILVA, 2008, p. 33)”.

Desta forma, para o surdo a LS é uma língua que possibilita acesso a informação e acessão social. Daí a importância do desenvolvimento de pesquisas que propicie a sua promoção. Tratar de aspectos como sintaxe da Libras é oportunizar ao surdo e não surdos, a aceção de uma língua espaço visual rica e independente de qualquer outra estrutura linguística, possível de ser apreendida e

“falada” em qualquer circunstância. “Os sinais, essa dança no espaço, são minha sensibilidade, minha poesia, meu íntimo, meu verdadeiro estilo” (LABORIT, 1994, p. 9)

3. Uma breve descrição da sintaxe da Libras

Para o desenvolvimento deste estudo, utilizamos a acepção de sintaxe defendida por Quadros (2004, p.20): “Parte da linguística que estuda a estrutura interna das sentenças e a relação interna entre suas partes”. Ao analisar as estruturas internas das sentenças na Libras pode-se perceber algumas regras específicas, tais como a ausência de preposição, de conjunções e de verbos de ligação, a incorporação de verbos direcionais ou com concordância ou flexão, típico da língua espaço visual. (FERNANDES, 1994).

Por exemplo, na Libras, pode-se apresentar a estrutura frasal: CARRO (figura 1) e AMARGOSA (figura 2), para interpretar a seguinte sentença da Língua Portuguesa: “Vou para Amargosa de Carro”.

Figura 1: CARRO (CI)⁸



Fonte: Elaborado pelos autores

Figura 2: AMARGOSA



Fonte: Elaborada pelos autores

Assim, desmistificando a ideia de que Libras é uma tradução da Língua Portuguesa, descreveremos, com base nas pesquisas de Quadros, Pizzio e Rezende

⁸ CI -são letras utilizadas para identificar os CLASSIFICADORES, que são morfemas que existem em línguas orais e de sinais [...].As língua de sinais, talvez por serem línguas espaços visuais, fazem uso frequente de vários tipos de CIs, explorando também morfológicamente o espaço multidimensional em que se realizam os sinais.(FERREIRA, 2010, p. 102)

(2007) e Bernardino (2000), os aspectos da sintaxe da Libras sob a ótica de dois pressupostos: uso das expressões e estrutura da frase.

3.1 O uso das expressões em Libras

A expressão não manual (doravante ENM) ou marcação não-manual ou expressão facial e corporal, na língua de sinais tem um valor distintivo por possibilitar diferenciar significados. O movimento do corpo e direção do olhar possui um conteúdo referencial⁹ que ampara as organizações espaciais nas sentenças. As expressões se dividem em dois campos: afetivas e gramaticais, os quais exemplificaremos nas subdivisões que se seguem.

3.1.1 Expressões não manuais afetivas

Análogo às línguas orais, neste campo, as ENM transmite as emoções como tristeza, terror, alegria, calma, etc. Elas representam a prosódia nas línguas de sinais. Assim, não é justificável fazer o sinal de MORRER com ENM feliz (figura 3) ou o sinal de BONIT@ com ENM de nojento (figura 4). As expressões denotam o contexto do que está se falando ou interpretando, por isso a atenção para este aspecto.

Figura 3: MORRER



Fonte: Elaborada pelos autores

⁹ “De acordo com Lyons (1977), o termo referencial diz respeito à relação entre expressão e o seu significado no momento particular em que a expressão é utilizada” (BERNARDINO, 2000, p. 113)

Figura 4: BPONIT@



Fonte: Elaborada pelos autores

3.1.2 Expressões não manuais gramaticais

As ENM nas LS, além de demonstrarem as emoções, apresentam duas outras funções: morfológicas e sintáticas. No nível morfológico, elas têm um valor gramatical, pois tem função adjetiva, relacionando-se ao grau de intensidade, conforme exemplos nas figuras (6, 8, 10 e 12) e de tamanho. Ao demarcar o grau de tamanho há incorporação de parâmetros, conforme se pode observar nas figuras (14, 16, 18, 20 e 22). Já no nível sintático, as expressões indicam se as sentenças são afirmativas, negativas, interrogativas, exclamativas, se as construções são com foco ou tópico.

Figura 5: CASA



Fonte: Elaborada pelos autores

Figura 6: FEI@ (Pouca intensidade)



Fonte: Elaborada pelo autores

Figura 7: CASA



Fonte: Elaborada pelos autores

Figura 8: FEI@ (Normal)



Fonte: Elaborada pelos autores

Figura 9: CASA



Fonte: Elaborada pelos autores

Figura 10: FEI@
(Mais intensidade que o normal)



Fonte: Elaborada pelos autores

Figura 11: CASA



Fonte: Elaborada pelos autores

Figura 12: FEI@ (Mais intenso)



Fonte: Elaborada pelos autores

Figura 13: CASA



Fonte: Elaborada pelos autores

Figura 14: Muito menor do que o normal



Fonte: Elaborada pelos autores

Figura 15: CASA



Fonte: Elaborada pelos autores

Figura 16: Menor do que o normal



Fonte: Elaborada pelos autores

Figura 17: CASA



Fonte: Elaborada pelos autores

Figura 18: Normal



Fonte: Elaborada pelos autores

Figura 19: CASA



Fonte: Elaborada pelos autores

Figura 20: Maior do que o normal



Fonte: Elaborada pelos autores

Figura 21: CASA



Fonte: Elaborada pelos autores

Figura 22: Muito maior do que o normal



Fonte: Elaborada pelos autores

Figura23: Marcação com Foco



Fonte: Elaborada pelos autores

Figura24: Marcação de Tópico



Fonte: Elaborada pelos autores

3.2 A estrutura frasal na Libras

Na Libras, a ordem sintática dos elementos nas frases é um processo que mostra bastante flexibilidade, conforme pode-se conferir nas pesquisas de Felipe (1989) e Brito (1995), e por isso, seu estudo torna-se uma temática densa. Não obstante, nosso objetivo nesta pesquisa não é esmiuçar a sintaxe da Libras, mas apresentar aspectos que comprovem a sua independência frente as línguas orais. Assim, apresentaremos algumas restrições que caracterizam as diferentes possibilidades de organização espacial da Libras, que são análogos aos da Língua de Sinais Americana- ASL.

[...] a ordem sintática em ASL seria o SVO, sendo permitidas outras ordens em três casos: a) quando um dos elementos da frase fosse topicalizado; b) quando o sujeito e verbos não fossem invertidos; c) quando o locutor usasse o espaço para indicar mecanismo gramaticais. [...] as construções com verbos no final da frase também pode ocorrer em Libras. (FERREIRA, 2010, p.60-61)

Assim, é compreensível na Libras, além da estrutura frasal habitual SVO, a possibilidade de outras sentenças gramaticais com as seguintes estruturas: OSV, SOV e VOS. Para detalhar as restrições sobre estas estruturas apresentaremos algumas evidências apontadas por Quadros (2004, p. 139-156):

1. Todas as frases com ordem SVO são gramaticais;
2. As ordens OSV e SOV ocorrem com a incorporação da ENM e as marcas de concordância;
3. No caso das organizações OSV e SOV com incorporação das ENM, se o objeto não for uma oração simples e sim, subordinada, não será possível mudar este objeto de ordem;
4. Numa relação entre verbo e objeto não pode haver uma interrupção dos advérbios temporais e de frequência;
5. A presença do tópico¹⁰ possibilita mudança na ordem das frases, apresentado estruturas como SOV ou OSV, inclusive com o uso de verbos sem concordância¹¹. É um recurso gramatical comum na Libras;
6. Nas estruturas com verbos com concordância há a elevação do objeto derivando sentenças SOV; a ordem (S) V (O) possibilita a omissão dos sujeitos e objetos;
7. Em sentenças com foco contrastivo, ou seja, onde a estrutura sintática demonstra contextos de comparação ou contraste, pode ocorrer a ordem VOS.

¹⁰ "O tópico é o tema do discurso que apresenta uma ênfase especial posicionando no início da frase e seguido de comentários a respeito desse tema." (QUADROS, 2004, p. 148)

¹¹ Na Libras existem dois tipos principais de verbos: os direcionais (ou multidirecionais) e os não direcionais. Estes últimos se caracterizam por ser ancorado no corpo, em geral, por ser verbos de estado; alguns indicam ação; e outros incorporam o próprio objeto. (Bernardino, 2000).

As pesquisas sobre a sintaxe da Libras tem comprovado que embora a ordem básica das sentenças seja SVO, há derivações em OSV, SOV e VOS e que estas derivações são possíveis devido a utilização de marcas como a concordância e a ENM, as quais devem ser analisadas com aprofundamento para sua real compreensão.

4. Conclusões

Conforme exposto, podemos perceber que a concepção de que a Libras não é uma língua autônoma, ou seja, é dependente, no aspecto sintático, da estrutura da Língua Portuguesa, é um equívoco. Essa aceção errônea é fruto do processo histórico, que ganhou força na difusão da filosofia educacional Comunicação Total, uma vez que a referida filosofia passou a possibilitar o uso da Libras, mas com estrutura gramatical da língua oral, objetivando alcançar uma comunicação e compreensão da Língua Portuguesa.

As possíveis semelhanças nas Libras e Língua Portuguesa decorrem de ambas partilharem de princípios universais aplicáveis as línguas humanas, e “é importante dizer que a coabitação da maioria das línguas de sinais com as línguas orais faz com que empréstimos, alternâncias e trocas linguísticas aconteçam, inevitavelmente. (GESSER, 2009, p. 38). Entretanto, estes empréstimos linguísticos, fator que ocorre na interação, ou contato, entre línguas não pode representar uma exprobração da Libras, ao contrário, é justificável devido os surdos estarem inseridos e rodeados pela comunidade ouvinte, em contato direto com a língua majoritária do país.

Tentar abocanhar a língua dominada, no nosso caso, a Libras, é um jogo comum entre relações com línguas de status distintos (GESSER, 2009). Assim, a ideologia ouvintista¹² tenta rejeitar ou banir a Libras, seja através de preconceito, por desconhecimento, ou até mesmo culturalmente, advindo de atitudes e conceitos históricos impregnados ao longos dos anos.

¹² Deriva de uma proximidade particular que se dá entre ouvintes e surdos, na qual o ouvinte sempre está em posição de superioridade. Uma segunda ideia é a de que não se pode entender o ouvintismo sem que este seja entendido como configuração de poder ouvinte. Academicamente esta palavra, ouvintismo, designa o estudo do surdo do ponto de vista da deficiência, da clinalização e da necessidade de normalização. (PERLIN, 2012, p. 59)

A sintaxe da Libras não é organizada aleatoriamente, ao contrário, segue regras. Possuem na estrutura de suas sentenças, restrições e ordenações complexas e específicas de uma língua visual. Há especificidades em sua produção linguística que devem ser respeitadas, tais como a utilização de verbos com concordância e da marcação não manual ou ENM. Assim, a Libras não deve ser entendida como um instrumento para aquisição da Língua Portuguesa (língua majoritária do país). Para os surdos, a Língua Brasileira de Sinais é a língua que proporciona o acesso à informação, e a cultura, especificamente, à cultura surda e concomitantemente, possibilitando expressar o jeito que o surdo pensa, sente e aspira o mundo.

Destarte, este trabalho objetivou reafirmar o status linguístico da Libras no aspecto sintático, e distanciou-se da proposta de esgotar a temática, ou descaracterizar uma língua em prol de outra, ao contrário, o intuito foi desmistificar conceitos estereotipados acerca da Libras.

Ao realizar o referido estudo, pode-se compreender que muito ainda temos a conhecer sobre a Libras. O desvendamento de suas estruturas linguísticas demonstra o quanto a Libras precisa ser pesquisada e compreendida. Parafraseando Sacks (1989), concluímos que: somos notavelmente ignorantes a respeito da Libras, muito mais ignorantes do que um homem instruído teria sido em 1886 ou 1786. Ignorantes e indiferentes. Há poucos anos eu nada sabia a respeito da Libras e nem imaginava que ela pudesse lançar luz sobre tantos domínios. Fiquei pasmo ao tomar conhecimento de uma língua completamente visual, diferente da minha própria língua, a falada.

Referências Bibliográficas

BERNARDINO, Ediléia Lúcia. **Absurdo ou lógica? a produção linguística do surdo**. Belo Horizonte: Editora Profetizando Vida, 2000.

BRASIL, **Lei n.º 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Paulo Renato Souza, 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>

BRASIL, **Decreto n.º 5626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o artigo 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Fernando Haddad, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>

CAPOVILLA, Fernando C. CAPOVILLA, Alessandra G. S. Educação da criança surda: evolução das abordagens. In: CAPOVILLA, Fernando C. (org.). **Neuropsicologia e aprendizagem: uma abordagem multidisciplinar**. 2. ed. São Paulo: Memnon, 2004.

FELIPE, Tânia A. Bilinguismo e surdez. Trabalhos em linguística aplicada. **Painel: bilinguismo e surdez**. Campinas. N 14, p. 101-112, Jul./dez. 1989.

FERNANDES, Eulália. **Parecer solicitado pela Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo sobre a Língua de Sinais usadas nos Centros Urbanos do Brasil**. Integração, Brasília, Ano 5, n.13, p. 18-21, 1994.

FERREIRA, Lucinda. Por uma gramática de língua de sinais. Rio de Janeiro: **Tempo Brasileiro**, 2ª ed. 2010.

GESSER, Audrei. **Libras?: Que língua é essa? crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. 2ª ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

LABORIT, Emmanuelle. **O Voo da gaivota**. São Paulo: Best Seller. 1994

NASCIMENTO, Lilian Cristine Ribeiro. Um pouco mais da história da educação dos surdos, segundo Ferdinand Berthier. In: **ETD, Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2 p. 253-262, jun. 2006- ISSN:1676-2592.

PERLIN, Gladis T. T. *Identidades Surdas*. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: mediação, 2012.

QUADROS, Ronice Muller de. KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller. PIZZIO, Aline Lemos, REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Língua Brasileira de Sinais II. Apostila do curso de Licenciatura em Letras/Libras na Modalidade a Distância**. Florianópolis, 2007.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Educação de surdos: a caminho do bilinguismo**. Niterói: EdUFF, 1999.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Companhia das Letras, 1990.

SILVA, Ângela Carracho da. NEMBRI, Armando Guimarães. **Ouvindo o silêncio: educação, linguagem e surdez**. Editora Mediação, Porto Alegre, 2008.

STROBEL, Karen. **Surdos: vestígios culturais não registrados na história**. Florianópolis, 2008. Tese de doutorado em educação- UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina.

Recebido: 30/11/2012

Aceito: 05/05/2013

